

# A ARTE DE NARRAR HISTÓRIAS POR UM TAPETE LITERÁRIO: PERCURSOS DE UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA VIVENCIADA POR UM GRUPO DE EXTENSÃO

Gina Carla Costa<sup>1</sup>  
Ana Maria Moraes Scheffer<sup>2</sup>  
Denise Mendonça Barbosa<sup>3</sup>

## Introdução

“O que será que tem na bola de cristal?” Este questionamento feito por uma criança do 2º ano, diante de um cenário narrado em um tapete literário, é o fio encadeador deste relato de experiência de contação de história planejada e desenvolvida pelo grupo de pesquisa Linguagem, Infâncias e Educação - LINFE - circunscrito no Projeto de Extensão Tempos e espaços de leitura.<sup>4</sup> Embora esta oficina literária tenha sido concretizada em quatro escolas da rede municipal de ensino de Juiz de Fora, será relatado, nesse texto, apenas a que foi desenvolvida em uma delas. Assim, a nossa proposta é narrar esta experiência de contação de história realizada através de um tapete literário com o intuito de oportunizar as crianças de uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental uma vivência de leitura literária.

Tudo começou no momento de planejamento coletivo da oficina no grupo de pesquisa, quando uma professora relatou uma experiência literária vivenciada com seus alunos. A docente apresentou a narrativa do conto de fadas *A bola de cristal*, as estratégias e os recursos utilizados no desenvolvimento deste trabalho com seus alunos. O conto *A bola de cristal* narra a história de uma feiticeira que temia que seus três filhos lhe roubassem os seus poderes, por isso transforma o mais velho em águia e o segundo em baleia. O terceiro não é transformado porque conseguiu fugir. Para desfazer os feitiços colocados nos seus dois irmãos e na princesa que se tornara prisioneira no castelo, o terceiro filho enfrentou muitos perigos para resgatar um instrumento mágico, a bola de cristal, que devolveu a forma humana aos seus irmãos e a beleza da princesa e sua liberdade.

O seu relato despertou nos integrantes do grupo de pesquisa o interesse pela realização daquela oficina de leitura nos nossos encontros para que tivéssemos a oportunidade de conhecer o texto literário e o suporte tapete que fora utilizado, antes de apresentá-los às crianças nas escolas. Conforme esclarece Oliveira (2010), o professor para planejar a sua atividade de leitura ou de contação de história precisa ler e sentir o que a obra poderá oferecer. Caso o professor não se entusiasme e se emocione pela obra, deve buscar outra narrativa. Tendo, pois, vivenciado a contação da história “A bola de Cristal” no grupo, os professores se sentiram motivados e envolvidos pelo conto e pela estratégia de utilizar um tapete literário para apresentá-la aos alunos das escolas onde aconteceria esta oficina literária.

Vale explicar que esse tapete foi construído pela turma da professora integrante do grupo que, após a leitura expressiva da história, percebeu o interesse das crianças em dar forma ao cenário e aos personagens através de desenhos. Ao desenharem partes da história de que mais

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. E-mail: [ginacarla4.0@hotmail.com](mailto:ginacarla4.0@hotmail.com).

<sup>2</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. E-mail: [anamscheffer@oi.com.br](mailto:anamscheffer@oi.com.br).

<sup>3</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. E-mail: [denisemb2009@gmail.com](mailto:denisemb2009@gmail.com).

<sup>4</sup> O grupo LINFE produz pesquisas sobre a formação leitora de professores e alunos. O projeto de extensão discute a formação dos professores, elaborando oficinas de leitura que, após serem realizadas no âmbito de escolas municipais de Juiz de Fora, são analisadas criticamente. A proposta de intervenção mobiliza a leitura literária em interface com outras linguagens.

gostaram, as crianças confeccionaram um livro. Em seguida, os desenhos produzidos foram utilizados na confecção do tapete e dos personagens em forma de fantoches. Assim sendo, após o contato com o texto e a experiência literária vivida no grupo por meio da história, realizamos essa oficina, a qual será descrita a seguir.

### **Oficina literária “A bola de cristal”: uma formação de leitor literário**

Contar histórias é uma arte milenar. Desde os primórdios, o homem conta histórias para expressar seus sentimentos, partilhar suas experiências e conhecimentos. Ao contarmos uma história, buscamos conhecer nossa cultura e a de outros povos, pois grande parte das narrativas está baseada no discurso que se encontra no imaginário de um povo. Elas podem ser fábulas, contos, lendas que quando contadas, abre-se uma oportunidade para a construção de uma identidade social e cultural. Desse modo, além de contar história como uma forma de conhecer o passado, aproximar gerações, enriquecemos as experiências dos alunos, propiciando situações nas quais poderão falar sobre seus desejos, medos, fantasias, além de desenvolver diversas formas de linguagem. É somente no encontro com o texto, que se constrói essa experiência. Como nos coloca Farias:

Somente os humanos dizem era uma vez... Somente nós fazemos isso: contamos a nossa história, a dos outros, escrevemos, acrescentamos detalhes, criamos situações que não aconteceram de fato, imaginamos outros mundos, outros seres, outras paisagens, outras formas de ver e viver neste e em outros mundos imaginados. (FARIAS, 2011, p. 20).

Na tentativa de propiciar às crianças esse momento de viver o *Era uma vez*, que fomos ao encontro delas nas escolas. É importante dizer que ouvir um conto de fadas através de um tapete literário foi uma experiência que ainda não havia sido vivenciada pelas crianças nas escolas onde desenvolvemos esta oficina de leitura. Na escola onde foi realizada a vivência que relataremos, a professora da turma do segundo ano do ensino fundamental já havia preparado os alunos para receber as pesquisadoras que desenvolveriam junto com ela a oficina literária. Quando chegamos, encontramos as crianças sentadas nas carteiras, em círculo, nos aguardando ansiosamente. Consideramos que seria mais interessante realizarmos a atividade na biblioteca da escola, pois, segundo a professora, nela o espaço é mais confortável e espaçoso para as crianças. Assim, a biblioteca foi organizada por nós para recebermos a turma.

Quando chegaram à biblioteca, as crianças foram se acomodando. Demonstraram interesse e curiosidade em saber quem eram aquelas pessoas desconhecidas que ali estavam. Pesquisadoras, professora e alunos se apresentaram e, em seguida, foi explicado para as crianças o porquê de nossa presença na escola. A seguir, perguntamos a elas se gostavam de vir à biblioteca e quais histórias conheciam. Todos afirmaram gostar de vir à biblioteca e alguns disseram que conheciam as histórias: *Bruxa, bruxa venha à minha festa, A mula-sem-cabeça e Como pegar uma estrela*. Em seguida, as crianças foram convidadas a participarem da contação da história *A Bola de Cristal*.

Antes de iniciar a contação, a pesquisadora que iria contar a história apresentou uma canção para a turma como estratégia pedagógica para atrair a atenção dos alunos e sensibilizá-los para a recepção da história. A canção e o ambiente da biblioteca que foi preparado para acolher as crianças para a contação da história remetem a “um espaço de encenação que torna especial o momento de contação da história, transformando a performance a um convite ao exercício do imaginário o que é próprio da literatura

(COSSON, 2014, p. 114). A professora foi inserindo as crianças na história e promovendo o encontro delas com o texto. Confirmamos isto no comportamento de cada uma, pois, durante toda a contação, permaneceram atentas e envolvidas com a narrativa. Ficaram admiradas e curiosas com o percurso da narrativa no qual eram apresentados diferentes personagens e elementos da história. Tendo terminada a contação, os alunos queriam saber o que havia dentro da bola de cristal, se dentro dela existia água e se ela era de fato de cristal. Nesse ato de perguntar, o aluno demonstra sua curiosidade em relação ao objeto bola de cristal, o qual mobiliza as ações dos personagens da história contada.

Dando prosseguimento, uma das pesquisadoras perguntou às crianças se haviam gostado da história contada. Dois alunos demonstraram não ter gostado *porque demora e é chato*. As demais crianças levantaram as mãos expressando que haviam gostado. Algumas disseram: *Eu gostei da parte que o príncipe fica feliz! Eu gostei da parte que ele mata o búfalo. Gostei da bola de cristal*.

Após essas colocações, foi perguntado aos alunos sobre quais personagens gostariam de ser caso participassem da história. Interessante o gosto diversificados das crianças ao demonstrarem que gostariam de ser *a princesa transformada, porque ela é linda! A baleia, porque ela mergulha. A segunda princesa, porque é linda! A feiticeira porque tem poder, transforma em animais e porque é bonita também*. Outros queriam ser a princesa horrorosa, *porque eu gosto de coisas horrorosas. O gigante, porque ele é legal, é forçado! O búfalo. O rei. O feiticeiro*. Este encontro singular com a narrativa revela a mágica que a leitura pode oferecer aos leitores. Diante do envolvimento das crianças com a ficção pudemos perceber que durante toda a contação da história foi estabelecido um pacto ficcional com a obra que estava sendo contada, permitindo a abertura para diferentes formas de leitura, de inferências e a possibilidade de várias interpretações sem a preocupação com o certo e o errado. As crianças se envolveram com a história, mantendo viva a imaginação, considerando como sendo verdade tudo o que lhes foi contado.

É importante observar que a literatura estimula o diálogo, levando-nos a ultrapassar os limites da vida cotidiana e escolar, pois contribui para ajudar as crianças e a nós a vivenciarmos e entendermos nossa interioridade e promover nossa inserção na cultura literária. Nossos alunos demonstraram “o quanto a nossa subjetividade é vivenciada por meio da literatura, o quanto projetamos nos textos literários nossos anseios, desejos, medos e emoções” (LEAL e ALBUQUERQUE, 2010, p. 90).

Convidadas a se aproximarem do tapete, as crianças, em grupos, foram manipulando os fantoches dos personagens. À medida que brincavam com os personagens e o tapete, elas recontavam oralmente os fatos da história relacionados ao fantoche que estava em suas mãos. Uma criança quis saber por que alguns personagens tinham os rostos azuis e outros amarelos. Respondemos que foram essas as cores escolhidas pelas crianças que desenharam os personagens e que havia partido da imaginação de cada uma delas. Nesse momento, mesmo as crianças que manifestaram, inicialmente, não gostar de histórias, também quiseram explorar o tapete e disseram ter preferência por histórias de terror. A maioria pediu que contássemos a história novamente. E, num outro momento, disseram que queriam ouvir histórias de terror. Levando em conta as escolhas e interesses dos alunos, nos propusemos a selecionar para o próximo encontro um conto de terror com vistas a atender o desejo deles.

Em momento subsequente, foi apresentado à turma o livro que foi construído também pelos alunos da professora que nos inspirou a realização dessa oficina. Três alunos conseguiram ler algumas frases e relataram que já sabiam ler. Tal afirmativa motivou os demais colegas que disseram já serem também leitores.

## Considerações

Ao proporcionarmos às crianças a participação em momentos de contação de história, estamos oferecendo a elas a linguagem, a oportunidade de alargar seu repertório de narrativas e de viver experiências literárias que poderão, num outro momento, serem recobradas pela memória. A literatura entra, dessa forma, como uma possibilidade de provocar emoções, estimular a capacidade do ser humano de fantasiar e refinar a sua sensibilidade. Através da leitura literária podemos sair do lugar comum, nos deslocar do nosso cotidiano e, assim, compreender nós mesmos e o outro. O “Era uma vez” próprio dos textos literários acende uma reflexão sobre o entrecruzamento entre o passado, o presente e o futuro e apresenta uma forma outra do sujeito se relacionar com o mundo.

Através da realização dessa oficina literária, podemos considerar que o tapete se constituiu como importante recurso pedagógico, o qual contribuiu por ampliar o interesse e a participação dos alunos na oficina. Contudo, buscamos dar maior relevância à história que estava sendo contada. Por se tratar de um conto de fadas, a história *A bola de cristal* dos Irmãos Grimm é considerada um modelo de narrativa porque inicia com uma situação inicial e parte para um conflito que precisa de uma solução para se alcançar sucesso no final. Tal estrutura contribui para a criança compor uma visão sobre a vida. Como assinala Aguiar (2001, p. 79), os contos de fadas ao trazerem o ingrediente da fantasia em sua estrutura narrativa auxiliam a criança a “organizar suas percepções e a vivenciar e resolver emoções que lhe parecem complexas e de difícil compreensão”.

As experiências de ouvir a história, de manipular os personagens em forma de fantoches, de observar a pesquisadora contar uma história memorizada, de manusear um livro produzido por outras crianças e tentar lê-lo têm uma dimensão formadora do gosto, um estímulo à curiosidade e uma motivação para a busca por outros textos.

Sendo assim, o relato de experiência aqui apresentado reflete as concepções de leitura literária e letramento literário que têm pautado nossas reflexões no grupo de pesquisa. A realização de estudos que suscitam discussões acerca do trabalho com a literatura no contexto escolar tem propiciado a todos os participantes do grupo de pesquisa um processo reflexivo constante e contribuído para repensarmos e avaliarmos nossas práticas pedagógicas e as pesquisas que são desenvolvidas.

## Referências

AGUIAR, V. T. (Coordenador). **Era uma vez... na escola**: formando educadores para formar leitores. Belo horizonte: formato Editorial, 2001.

COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

FARIAS, C. A. Contar histórias é alimentar a humanidade da humanidade. In: PRIETO, Benita. **Contadores de histórias**: um exercício para muitas vozes. Rio de Janeiro: s. ed. 2011, p. 19-22.

OLIVEIRA, A. A. de. O professor como mediador das leituras literárias. In. PAIVA, A., MACIEL, F., COSSON, R. (Org.). **Literatura**: Ensino Fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010, p. 41-54.

LEAL, T. F., ALBUQUERQUE, E. B. C. Literatura e formação de leitores na escola. In. PAIVA, A., MACIEL, F., COSSON, R. (Org.). **Literatura**: Ensino Fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010, p. 89-106.